

***THE TALES OF BEEDLE, THE BARD & OS CONTOS DE BEEDLE, O BARDO:*
ANALISANDO A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DOS CONTOS QUE
FINALIZARAM
A OBRA *HARRY POTTER* DE J.K. ROWLING**

CAROLINA ZAUDE, MARILEIDE ESQUEDA

RESUMO

Constituído por sete livros, a série *Harry Potter* escrita por J. K. Rowling foi publicada pela primeira vez em 1997 e imediatamente chamou a atenção dos leitores de todas as idades, alcançando o ranking de uma das obras mais famosas da literatura infantil não apenas no Brasil, mas também no exterior. Após a publicação do sétimo livro, *Harry Potter e as relíquias da Morte*, J.K. Rowling afirmou ser esta a última obra. No entanto, a publicação de *The Tales of Beedle, the Bard*, em 2008, traduzido no Brasil pela mesma tradutora de toda a obra, Lia Wyler, intitulado *Os Contos de Beedle, o Bardo*, Rowling mais uma vez direciona o leitor para o mundo do menino bruxo. Neste sentido, parece interessante analisar o trabalho *The Tales of Beedle, the Bard* e sua tradução para o português brasileiro, não apenas buscando fomentar o debate sobre a produção de significado que constitui todo processo de tradução e seu impacto no texto e cultura alvos, mas igualmente mostrar alguns aspectos particulares no par de línguas inglês-português que poderão servir como instrumentos para a formação de tradutores e/ou profissionais e acadêmicos interessados em literatura infantil. A natureza desta pesquisa é comparativa, cujo propósito é categorizar e analisar os termos de bruxaria do mundo dos bruxos apresentado em *The Tales of Beedle, the Bard* e em sua tradução para o português brasileiro *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Os termos serão analisados de acordo com a proposta de Aubert (1998), que classifica as modalidades de tradução em omissão, transcrição, empréstimo, calco, tradução literal, transposição, explicitação/implicitação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro, correção e adição. O modelo aubertino propõe uma abordagem descritiva e quantitativa, que orienta o pesquisador a identificar padrões e regularidades existentes na tradução, e verificar o grau de diferenciação linguística entre o texto fonte e o texto alvo. É possível afirmar que 38,1% dos termos de bruxaria no texto original foram adaptados para o português brasileiro, mostrando que a tentativa do tradutor de mostrar assimilação cultural.

Palavras-chave: Harry Potter; tradução de termos de bruxaria; Os Contos de Beedle, o Bardo;

ABSTRACT

Constituted by seven books, the series *Harry Potter* written by J.K. Rowling was firstly published in 1997, and immediately draws the readers' interest of all ages, reaching the rank of one of the most famous work of children literature not only in Brazil but also abroad. After publishing the seventh book *Harry Potter and the Deathly Hallows*, J.K. Rowling affirmed it would be the last one. However, the publication of *The Tales of Beedle, the Bard*, in 2008, translated in Brazil by the same translator of the whole work, Lia Wyler, entitled *Os Contos de Beedle, o Bardo*, Rowling once more addresses the reader to the world of the boy wizard. In this sense, it seems to be interesting to analyse the work *The Tales of Beedle, the Bard*, and its translation into Brazilian Portuguese, not only to foster the debate about meaning production which constitutes the translation process and its impact in the result of the target text and culture, but also to show some particular aspects within the pair of languages English-Portuguese that would serve as instruments for the translator's education and/or professionals and scholars interested in children literature. The nature of this research is comparative, whose purpose is to list and analyse wizarding terms of the witchcraft world presented in the work *The Tales of Beedle, the Bard* and their translation into Brazilian Portuguese in *Os Contos de Beedle, o Bardo*. The terms will be analysed according to Aurbert's approach (1998), who classifies translation procedures as omission, transcription, loan, calque, literal translation, transposition, explicitation/implicitation, modulation, adaptation, intersemiotic translation, error, correction and addition. The Aubertian model proposes a descriptive and quantitative approach, which leads the researcher to identify existing patterns and regularities in translation, and verify the degree of linguistic differentiation between the source and target text. It is possible to affirm that 38,1% of the wizarding terms in the original text were adapted into Brazilian Portuguese, showing the translator's attempt of cultural assimilation.

Keywords: Harry Potter; translation of wizarding terms; The Tales of Beedle, the Bard.

1. A proposta inicial

A tradução surgiu da necessidade de comunicação entre falantes de diferentes línguas. Os tradutores enriquecem a cultura e trazem um adiantamento literário, científico e técnico para os países de idiomas distintos. Na visão de Bassnett (2003), a tradução não é a substituição de elementos lexicais e gramaticais entre as línguas. O ato tradutório é, segundo a autora, uma possibilidade de comunicação eficaz entre as pessoas que não pertencem ao mesmo universo linguístico.

Hoje, com o intuito de abarcar as diferenças entre os vários universos linguísticos, encontra-se campo fértil de prática e pesquisa nas áreas de tradução jornalística, jurídico-comercial, legendagem e dublagem, de letras de música, de tradução e interpretação de conferências, de peças teatrais, de sites de Internet, de traduções especializadas em localização, dentre outras, além daquela que é considerada uma das mais antigas no mundo, a tradução literária.

Segundo Bassnett (op.cit.), os inventores da tradução foram os romanos, e antes mesmo do advento da bíblia, a tradução já estava presente e exercia grande importância para a literatura romana. As teorizações dos maiores e principais tradutores romanos, Cícero e Horácio, foram bastante influentes para as gerações seguintes. Ambos acreditavam que a tradução exercia duas grandes funções: “o dever humano universal de adquirir e disseminar a sabedoria, e a arte especial de fazer e dar forma ao poema.”

Bassnett (op.cit.) explica que pelo menos até o século I a.C. os romanos enriqueciam sua literatura através das traduções que faziam a partir das criações dos gregos. Longe de serem dependentes literariamente da Grécia, os romanos usavam as traduções para a expansão de sua própria cultura, sendo seus críticos literários capazes de discutir os textos gregos em sua língua, em latim, ou em grego, sem que isso constituísse um fator inibitório.

Para os romanos, a tradução era considerada um meio de desenvolver a língua e também a literatura nativas e, por esse motivo, suas traduções tinham critérios estéticos e modelos tradutórios bem definidos.

Em sua obra *Arte Poética*, Horácio (18. a.C. *apud* BASSNETT, op.cit.) afirmava que o tradutor deveria ser cuidadoso com a imitação excessiva do original; o tradutor não deveria se transformar em um escravo, traduzindo palavra-por-palavra, e tampouco mergulhar em dificuldades e transformações de que, por falta de conhecimento ou pela própria exigência do texto, dificilmente conseguiria libertar-se. Aos olhos dos tradutores romanos, ao interpretar, reconstruir, parafrasear, neutralizar ou até mesmo omitir marcas do texto original, o tradutor busca uma maior adequação e naturalidade para a obra traduzida destinada a outras culturas.

A história dos romanos registra, portanto, episódios em que critérios e métodos tradutórios eram estudados e analisados com vistas a produzir textos mais satisfatórios. De acordo com Vega (1994), observa-se, há muito tempo, o debate sobre a análise dos limites entre a liberdade e a fidelidade, a adaptação e a tradução, a imitação e a versão de termos, o que reivindica(va) à teoria de tradução um lugar de discussão social, histórica, científica e estética, principalmente através da literatura.

Embora hoje se reconheça que textos não-literários mereçam igual atenção por parte dos estudiosos, como textos jornalísticos, científicos, técnicos, jurídico-comerciais, publicitários, audiovisuais, etc., e, além disso, muito embora se reconheça que as características de um texto não sejam de todo explícitas ou intrínsecas a estes e que todo texto dependa da interferência do leitor (PAZ, 1981; ARROJO, 1987; 1992), a tradução literária continua sendo muito explorada, por trazer grande desafio aos tradutores desde a época dos romanos.

As traduções de obras de Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Ibsen, Joyce, Whitman, Faulkner ou García-Márquez sempre renderam e rendem muitas análises no campo da tradução, com discussões centradas tanto em perspectivas linguísticas quanto extralinguísticas.

Além das grandes empreitadas literárias dirigidas ao público adulto, livros infantis ou infanto-juvenis, como *Alice no País das Maravilhas* de Charles Lutwidge Dodgson (pseudônimo Lewis Carrol), *Pippi de Meia Longa*, da autora sueca Astrid Lindgren (que teve suas obras traduzidas para mais de setenta línguas), *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, *Matilda*, *As Bruxas* e *James e o Pêssego Gigante*, do escritor britânico Roald Dahl, igualmente promoveram e promovem análises pormenorizadas acerca de quais critérios estéticos, procedimentos técnicos ou modalidades de tradução foram e são adotados por seus tradutores, a fim de discutir se as traduções produzem similar impacto na cultura de chegada.

O caso da série *Harry Potter*, da escritora britânica Joanne Kathleen Rowling, não foge à regra, e também tem sido alvo de muitas análises ao redor do mundo. Somente a revista científica de tradutores META, da Universidade de Montreal, no Canadá, registra mais de 250 trabalhos de análises sobre a obra do menino bruxo ao longo dos últimos 10 anos.

Constituída por sete livros, a saga inicia-se por *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, que, publicada em 1997, imediatamente atrai o interesse de leitores de todas as idades, ganhando status de uma das mais famosas obras da literatura infanto-juvenil, tanto no exterior quanto no Brasil.

Ao publicar o sétimo livro da série Harry Potter, em 2007, intitulado *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, a autora J.K. Rowling (como é mais comumente conhecida) anunciaria ser este o último livro da série. Porém, com a publicação de *The Tales of Beedle, the Bard*, em 2008, traduzido para o português do Brasil pela mesma tradutora de toda a série, Lia Wyler, com o título *Os Contos de Beedle, o Bardo*, a autora dirige o leitor novamente ao mundo dos bruxos.

Trata-se de um livro paralelo à série de livros *Harry Potter*, sendo constituído por cinco contos direcionados aos jovens bruxos, apresentando moral da história.

Após cada conto, a autora escreve um texto-comentário escrito imaginariamente por Alvo Dumbledore, personagem da série *Harry Potter* e diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, local em que Harry Potter estudou. Nesses comentários, são relacionados os acontecimentos presentes no conto com os fatos que ocorreram no mundo dos bruxos em determinadas épocas, revelando-se incidentes únicos. Mas também são revelados aspectos do mundo bruxo que os leitores “trouxas” (ou não-bruxos) poderiam achar muito familiares, como censura, intolerância e questões sobre os mistérios mais profundos da vida. Como são citados acontecimentos fora do conto em si, é possível perceber a presença constante de termos relacionados a bruxarias, criados pela autora para a história da série *Harry Potter*.

Neste sentido, almeja-se analisar a obra *The Tales of Beedle, the Bard*, e sua tradução para o português do Brasil, com vistas não somente a alimentar o debate acerca dos fundamentos da produção de sentido que constitui o processo de tradução e seu impacto no resultado e produto tradutórios, mas igualmente particularizar aspectos linguísticos no par de línguas inglês-português, que possam servir de instrumento para a formação de tradutores e/ou para profissionais e acadêmicos interessados nesse gênero textual.

No entanto, diante das várias abordagens de análises de tradução existentes, e que foram sendo discutidas, aperfeiçoadas e sofrendo modificações desde a época dos romanos, qual seria a forma mais relevante e coerente de análise desse tipo de material?

2. Procedimentos da investigação e descrição do material

Todo ato tradutório pressupõe a existência de uma teoria que se reflete na tradução de modo direto ou indireto. Isso ocorre porque a simples reflexão sobre quais escolhas serão mais adequadas às várias situações de tradução gera, em cada tradutor, um modo próprio de realizar o seu ofício.

Assim, por mais que um tradutor alegue não fazer uso de quaisquer teorias, ele as utiliza, embora alguns a sistematizem claramente, em notas de rodapé de tradução, por exemplo, como é o caso de muitas traduções do âmbito literário, haja vista o trabalho de Paulo Rónai em *La Comedie Humaine* de Honoré de Balzac (ESQUEDA, 2005), que tratou na glosa ao pé da página dos preceitos particulares utilizados durante a realização de seu trabalho. Neste sentido, as opiniões de um tradutor (ou sua própria teoria) sobre o ato tradutório são o que molda a sua prática e nesta se concretizam.

Existem, basicamente, duas maneiras de reconhecermos ou, ao menos, tentarmos delinear qual(ais) teoria(s) um determinado tradutor fez uso ao traduzir. A primeira é recorrendo a suas anotações e comentários a respeito de sua prática, que podem apresentar ou não explicitamente uma certa teoria, mas fornecem elementos para a formação de uma. E a segunda, via análises críticas das traduções. Normalmente, tais análises são restritas ao âmbito acadêmico e escritas por estudiosos da tradução, sejam eles críticos, teóricos, professores ou estudantes, que, com base em determinados estudos e abordagens, enunciam uma afiliação teórica.

Segundo Azenha (1999), no entanto, as análises críticas não podem ser vistas apenas a partir da perspectiva de um dos fatores condicionantes, isto é, o código linguístico, por exemplo. Na tentativa de compensar a defasagem existente entre uma abordagem centralizada na questão dos códigos e a prática da tradução, estudiosos têm se empenhado em desenvolver uma visão integrada para o estudo desse processo. Segundo o autor, nos últimos 20 anos, as análises têm sido implementadas levando-se em consideração várias perspectivas: a **perspectiva linguística** da ciência da tradução, que se preocupa em empregar recursos linguísticos para descrever elementos do texto de partida e suas correspondências no texto de chegada; a **perspectiva da análise do texto**, que desenvolve modelos de análise, com os quais almeja verificar os passos concretos pelos quais o tradutor optou na tradução do texto; a **perspectiva hermenêutica**, que interpreta a verdade do texto de partida e desta interpretação deriva uma tradução correspondente a esta verdade; a **perspectiva funcional** (ou também chamada de teoria dos atos linguísticos), que entende que toda e qualquer atividade é mediada pela linguagem como uma ação autônoma, examinando, sobretudo, a função que a tradução de um texto de partida deve ter ou tem na cultura de chegada; a **corrente de orientação cultural**, que considera a tradução mais do que um processo linguístico e enfatiza o comprometimento cultural de todo ato linguístico; a **perspectiva da crítica de tradução**, que procura definir critérios objetivos, a partir dos quais se possam julgar traduções profissionais, tendo esta corrente se enveredado tanto pela Linguística do Texto quanto pelos caminhos da

Linguística Pragmática; a **perspectiva contrastiva**, em que são confrontadas, listadas e sistematizadas estruturas linguísticas da língua de partida e da língua de chegada; a **perspectiva literária**, em que são comparados textos literários e sua inserção no cânone literário para o qual são transportados; a **perspectiva terminológica**, que pesquisa e desenvolve nomenclaturas, principalmente no domínio das linguagens técnicas; a **corrente da tradução computadorizada**, que trabalha no sentido de desenvolver programas de auxílio à tradução, transformando-se em linguística computacional, convergendo informações linguísticas e técnicas; a **perspectiva da psicolinguística**, cuja preocupação central é saber o que realmente acontece na cabeça do tradutor enquanto traduz; e, por último, a **corrente da didática da tradução**, que se preocupa com o ensino da competência tradutória e, associado a ela, também o ensino da competência linguística, desde que relacionada à tradução.

Além dessas correntes de estudo e análise tradutória tratadas por Azenha (1999), há ainda outras que abordam a tradução por um ângulo filosófico, como, por exemplo, aquela implementada por Jacques Derrida no início dos anos 70, que contribui para a elucidação dialética de diferentes aspectos envolvidos no processo tradutório. (ESQUEDA, 2005)

Diante da variedade de correntes teóricas que estudam a tradução, será utilizada nesta proposta de estudo sobre a análise da tradução de *The Tales of Beedle, the Bard* de Rowling (2008) para o português a perspectiva contrastiva que, como menciona Azenha (op.cit.) almeja listar e confrontar estruturas linguísticas, nesse caso, sobre os termos relacionados à bruxaria no par de línguas inglês-português. Adotar-se-á, inevitavelmente, a perspectiva literária em que são comparados textos literários e seu impacto na cultura de chegada.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa comparativista e de análise textual, que, por meio da técnica indutivo-dedutiva, irá listar e confrontar os termos relacionados à bruxaria presentes na obra *The Tales of Beedle, the Bard* com sua respectiva tradução para a língua portuguesa, presentes em *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Os termos serão analisados segundo a análise tradutológica de Aubert (1998), que classifica as modalidades¹ de tradução em omissão, transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal, transposição,

¹Após as propostas de análises tradutórias de Vinay e Darbelnet (1958), Catford (1965), Rosenthal (1976), Queirós (1978), Fregonezi (1984) e Barbosa (1990), que, em sua maioria, utiliza(va)m a designação “procedimentos técnicos da tradução” para descrever referências didáticas a partir das quais tradutores aprendizes e profissionais poderiam fazer uso, o modelo de Aubert (1998) designa “modalidades de tradução”, que implica conduzir a pesquisa de modo a gerar dados quantificáveis e estatísticos, cuja utilidade, segundo o autor, tanto se dá em nível didático quanto metodológico. (Ver Apêndice A para outras definições de modalidades ou procedimentos técnicos de tradução de dois outros autores).

explicitação/implicação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro, correção e acréscimo. O modelo aubertino propõe um viés descritivo e quantitativo, mediante o qual se almeja levantar alguns padrões e regularidades existentes em traduções e verificar qual o grau de diferenciação linguística entre o texto original e sua tradução.

No quadro abaixo, pode-se verificar, na coluna 1, as modalidades tradutórias propostas por Aubert (1998) e, na coluna 2, uma breve caracterização e definição acerca das mesmas:

Modalidades de Tradução	Características e/ou definições das modalidades
1. Omissão	ocorre sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta;
2. Transcrição	é o verdadeiro 'grau zero' da tradução;
3. Empréstimo	é um segmento textual do Texto Fonte reproduzido no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimo;
4. Decalque	uma palavra ou expressão da Língua Fonte mas que (i) foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Fonte e (ii) não se encontra registrada nos principais dicionários recentes da Língua Fonte;
5. Tradução literal	contém opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos.
6. Transposição	ocorre sempre que rearranjos morfossintáticos são utilizados;
7. Explicitação/Implicação	ocorrem quando informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas;
8. Modulação	ocorre sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos;
9. Adaptação	denota uma assimilação cultural; ou seja, a solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial de sentido, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em

	questão;
10. Tradução intersemiótica	em determinados casos, particularmente na tradução dita ‘juramentada’, figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares constantes do texto fonte vêm reproduzidos no texto meta como material textual;
11. Erro	somente os casos evidentes de ‘gato por lebre’ incluem-se nesta modalidade;
12. Correção	com certa frequência, o texto fonte contém erros factuais e/ou linguísticos, inadequações e gafes. Se o tradutor optar por ‘melhorar’ o texto meta em comparação com o texto fonte, considerar-se-á ter ocorrido uma correção; e
13. Acréscimo:	trata-se de qualquer segmento textual incluído no texto alvo pelo tradutor por sua própria conta, ou seja, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original.

Quadro 1: Modalidades Tradutórias segundo a perspectiva de Aubert (1998)

A postura indutiva inicial não impede que os termos originais e traduzidos (e que não possam ser classificadas nas modalidades do modelo aubertiano) sejam analisados e discutidos de modo a rever questões de cunho cultural, valorativo ou ideológico (AMORIM, 2005; TRAVAGLIA, 2003). Almeja-se observar, a partir da postura dedutiva (ou direcionada pelo material analisado), a regularidade da prática tradutória destes termos paralelos, no par linguístico inglês-português.

Diante do exposto, o objetivo geral deste trabalho é analisar os termos sobre bruxaria presentes na obra *The Tales of Beedle, the Bard* de J. K. Rowling, traduzidos para o português por Lia Wyler com o título *Os Contos de Beedle, o Bardo*.

Para tanto, pretende-se alcançar os seguintes objetivos específicos:

1. Coletar os termos relacionados à bruxaria mais recorrentes na obra e suas respectivas traduções para o português;
2. Classificar, de acordo com Aubert (1998), as modalidades tradutórias utilizadas na tradução;
3. Analisar o resultado tradutório, almejando-se identificar possíveis fatores que determinaram as escolhas tradutórias.

Como dito acima, o intuito desta análise, que será realizada comparando-se a edição americana da obra, com sua edição brasileira em língua portuguesa (Figuras 1 e 2), será o de

confirmar a hipótese de que parece haver a ocorrência preponderante do uso da modalidade de tradução literal, revelando operações tradutórias semelhantes semântica e morfossintaticamente no material a ser investigado.

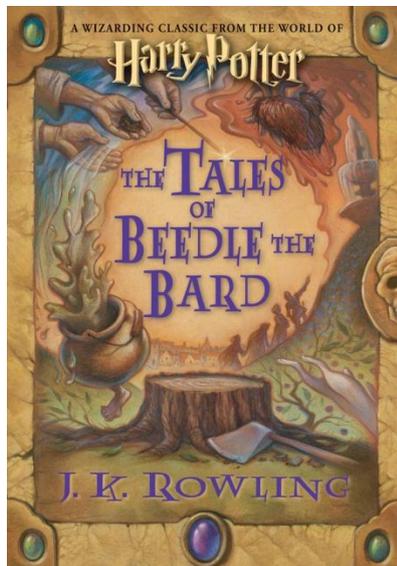


Figura 1: edição americana

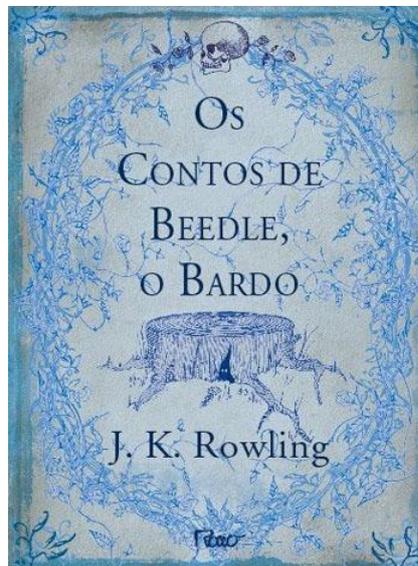


Figura 2: edição brasileira

3. Resultados: Os termos relacionados à bruxaria no par linguístico inglês-português

Foram coletados, inicialmente, a título de pré-seleção quando da elaboração do projeto de pesquisa, 33 termos relacionados à bruxaria em *The Tales of Beedle, the Bard*, com suas respectivas traduções em *Os contos de Beedle, o Bardo*.

Após minuciosa consulta, foram encontradas 42 ocorrências de termos de bruxaria. Implementou-se, assim, novo estudo acerca dos termos que se encontram no quadro abaixo. Nas colunas a seguir encontram-se, respectivamente, o termo em língua inglesa, o termo traduzido, uma breve contextualização sobre o mesmo e a classificação da modalidade tradutória utilizada, segundo a perspectiva de Aubert (1998):

Termo original (inglês)	Termo traduzido (português)	Contextualização	Modalidade de tradução utilizada
1. Hogwarts	Hogwarts	Internato de magia para feiticeiros; local presente nas obras de <i>Harry Potter</i>	Empréstimo
2. Horcrux	Horcrux	Objeto mágico na qual foi	Empréstimo

		inserida a alma, ou parte dela, de um bruxo	
3. Ineri	Ineri	Cadáver de um humano reanimado por um bruxo das trevas	Empréstimo
4. Albus	Alvo	Nome próprio	Tradução literal
5. Charms of concealment	Feitiços de Ocultação	Encantamento	Tradução literal
6. Wulfric	Wulfrico	Nome próprio	Tradução literal
7. Transfiguration	Transfiguração	Matéria lecionada na escola de magia; trata-se do estudo da transformação através da magia	Tradução literal
8. Herbology	Herbologia	Matéria lecionada na escola de magia; trata-se do estudo de plantas mágicas em geral	Tradução literal
9. Warlock	Mago	Refere-se a alguém que pratica magia	Tradução literal
10. Wizard	Bruxo	Refere-se a alguém que pratica magia	Tradução literal
11. Animagus	Animago	Bruxo capaz de se transformar em um animal.	Tradução literal
12. Charm of Revealment	Feitiço de revelação	Encantamento	Tradução literal
13. Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry	Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts	Internato de magia para feiticeiros; local presente nas obras de <i>Harry Potter</i>	Transposição
14. Supreme Mugwump of the International Confederation of Wizards	Chefe Supremo da Confederação Internacional de Bruxos	Cargo de poder; refere-se a questões políticas do mundo bruxo	Transposição
15. Chief Warlock of the Wizengamot	Bruxo-Presidente da Suprema Corte dos Bruxos	Cargo de poder; refere-se a questões políticas do mundo bruxo	Transposição
16. International Statute of Wizarding Secrecy	Código Internacional de Sigilo em Magia	Refere-se a questões políticas do mundo bruxo	Transposição
17. W.A.D.A. (Wizarding Academy of Dramatic Arts)	A.B.A.D. (Academia Bruxa de Arte Dramática)	Academia de teatro para bruxos amadores	Transposição
18. Care of Magical Creatures	Trato das Criaturas Mágicas	Matéria lecionada na escola de magia; trata-se do estudo de criaturas mágicas	Transposição
19. Engorgement Charm	Feitiço de Ingurgitamento	Encantamento	Transposição
20. Sticking Charm	Feitiço Adesivo	Encantamento	Transposição
21. Most Extraordinary Society of Potioneers	Mui Extraordinária Sociedade dos Preparadores de Poções	Sociedade de bruxos que preparam poções	Transposição
22. Fundamental Laws of Magic	Leis Fundamentais da Magia	Refere-se a questões políticas do mundo bruxo	Transposição
23. Improper Use of Magic Office	Seção de Controle do Uso Indevido da Magia	Refere-se a questões políticas do mundo bruxo	Transposição
24. Grumble, the grubby goat	Bodalhão, o bode resmungão	Nome próprio	Transposição
25. Wandmakers	Fabricante de varinhas	Pessoas que fabricam varinhas	Transposição
26. Disillusionment Charm	Feitiço da desilusão	Encantamento	Transposição

27. Bowtruckles	Tronquilhos	Criaturas mágica que guardam árvores próprias para a fabricação de varinhas	Adaptação
28. Elder Wand	Varinha das Varinhas	É a varinha mais poderosa de todas	Adaptação
29. Gryffindor	Grifinória	Umas das quatro casas existentes na Escola de magia	Adaptação
30. Muggle(s)	Trouxa(s)	Pessoas que não é bruxa	Adaptação
31. Squib	Aborto	Pessoa filha de bruxos mas que nasceu sem poderes	Adaptação
32. Mudwallower	Chafurdeiro	Termo ofensivo usado para descrever bruxos que não tem preconceitos contra trouxas (não-bruxos)	Adaptação
33. Dunglicker	Lambe-bosta	Termo ofensivo usado para descrever bruxos que não tem preconceitos contra trouxas (não-bruxos)	Adaptação
34. Scumsucker	Baba-ralé	Termo ofensivo usado para descrever bruxos que não tem preconceitos contra trouxas (não-bruxos)	Adaptação
35. Warlock at War	Feitiçaria Aguerrida	Nome de uma revista bruxa	Adaptação
36. Willykins	Willyzinho	Nome próprio	Adaptação
37. Sir Luckless	Cavaleiro Azarado	Nome próprio	Adaptação
38. Ashwinder	Cinzal	Criaturas mágicas que se formam quando se permite que um fogo mágico arda livremente durante muito tempo	Adaptação
39. Death Eater	Comensal da Morte	Grupo de feitiçeiros liderados pelo bruxo das trevas Lord Voldemort	Adaptação
40. Bouncing bulbs	Bulbossaltidores	Planta mágica que dá pulos	Adaptação
41. Horklumps	Toletes	Criaturas mágicas que se assemelham a um cogumelo	Adaptação
42. Mirror of Erised	Espelho de Ojesed	Espelho que reflete o desejo mais profundo do coração da pessoa	Adaptação

Quadro 2: Termos de Bruxaria selecionados na obra *The Tales of Beedle, the Bard* com suas respectivas traduções na obra traduzida *Os contos de Beedle, o Bardo*.

A partir da nova coleta dos termos relacionados à bruxaria, relata-se que as modalidades tradutórias utilizadas na tradução foram, além daquela já preliminarmente detectada no exame de pré-seleção de termos da obra, a modalidade de tradução literal, adaptação, transposição, e empréstimo. O gráfico mostra a ocorrência das modalidades na obra em estudo.

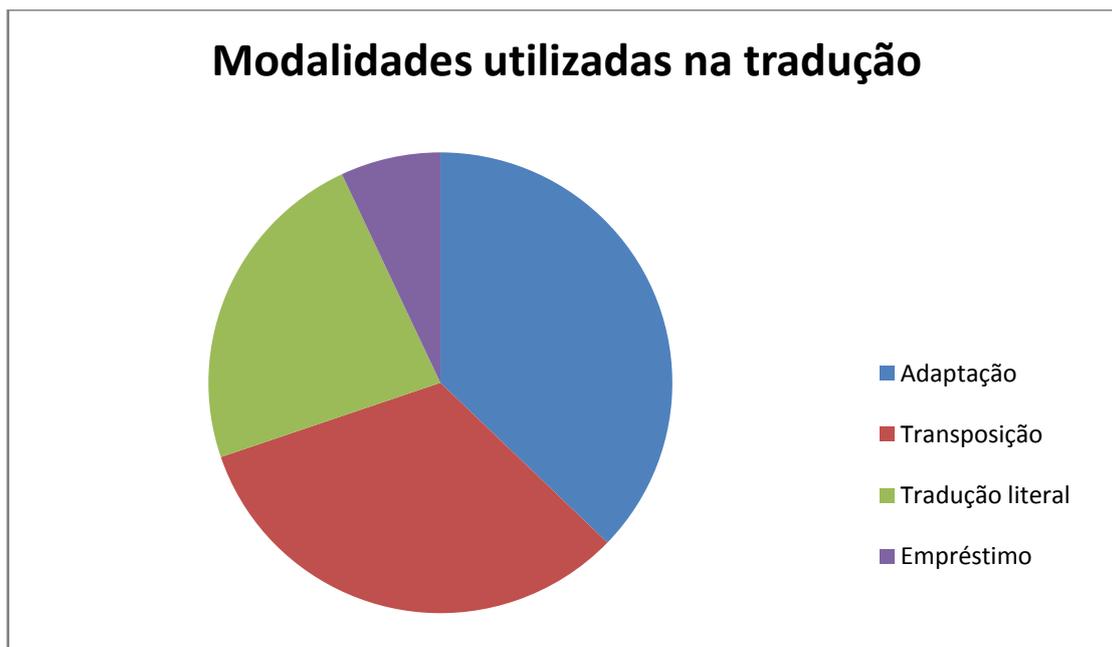


Gráfico 1: Modalidades utilizadas na tradução

Buscando detalhar o gráfico acima, na Tabela 1 a seguir encontram-se as modalidades de tradução identificadas. À esquerda, encontra-se a modalidade de tradução de acordo com a classificação de Aubert (1998) e no centro e à direita, respectivamente, o número de vezes e o percentual em que foi adotada, sendo que não foram encontradas modalidades de omissão, transcrição, decalque, explicitação/implicitação, modulação, erro, correção e acréscimo:

Modalidades tradutórias	Número de ocorrências em toda a obra	Frequência
adaptação	16	38,1%
transposição	14	33,3%
tradução literal	09	21,4%
empréstimo	03	7,2%
	42	100%

Tabela 1: As estratégias de tradução identificadas em *Os contos de Beedle, o Bardo*: número de ocorrência e percentual

Além de coletar os termos relacionados à bruxaria mais recorrentes na obra *The Tales of Beedle, the Bard* de J. K. Rowling, e suas respectivas traduções para o português brasileiro, e de classificar as modalidades tradutórias de acordo com Aubert (1998), outro objetivo desta pesquisa é o de analisar o resultado tradutório, almejando-se identificar possíveis fatores que determinaram as escolhas tradutórias da tradutora Lia Wyler em *Os Contos de Beedle, o Bardo*.

4. **Discutindo as modalidades de tradução detectadas em *Os Contos de Beedle, o Bardo***

Com relação à modalidade de adaptação adotada para a tradução dos termos de bruxaria (38,1%), pode-se constatar a tentativa da tradutora de estabelecer uma equivalência de sentido e de recontextualização do contexto (AUBERT, 1998), isto é, de assimilar os efeitos das imagens criadas no original e assim recriá-las na tradução.

Amorim (2005), em sua obra ‘Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling’, ao comentar que a linguagem – como aquilo que possibilita a formação de imagens e que estabelece relações de sentido entre homens, mulheres e eventos – não é transparente: não é um ‘meio’ de comunicação que deixa inalterada a percepção da realidade. A tradução recontextualiza a obra literária original, gerando outras imagens – reinscrevendo-a numa outra realidade na qual é percebida.

Amorim (2005), com base em Lefevere (192) coloca que a tradução é concebida como um processo, por meio do qual se transforma o texto original, tornando-o aceitável do ponto de vista da poética vigente em torno do autor e da obra que é traduzida. Segundo Amorim (op.cit.):

“[...] Lefevere considera que a tradução tanto pode efetivar a adequação do texto original a uma poética vigente como também se opor a ela, introduzindo elementos inovadores que lhe seriam estranhos.” (op. cit., p. 29-30)

Mas, o que é aceitável em uma tradução do texto literário? Segundo Amorim (op.cit.):

“Embora a relação entre tradução e texto original caracterize-se por uma complexa dimensão de fatores que problematizem uma concepção unívoca de fidelidade, [...] seria pertinente questionar em que medida a tradução passa a efetuar transformações caracterizadas pela violência ou transgressão em relação ao Outro, ao que se traduz.” (op. cit., p.32)

Ao questionar em que medida é possível transformar os dizeres do original, o autor expõe que nem mesmo o autor do texto-fonte pode garantir uma leitura verdadeira de sua

própria obra. Não há como impedir que aquilo que ele tenha produzido seja, de forma alguma, ‘apropriado’ pelos leitores, já que essa apropriação é um gesto constitutivo da interpretação.

A polêmica estaria, portanto, em questionar se a obra traduzida deve ou não preservar seu caráter estrangeiro.

Segundo Amorim (2005), alguns autores recomendam que se preserve o ‘estrangeirismo’ da obra original como forma de respeito à cultura de origem, ao passo que outros destacam que a prática da ‘domesticação’ a que seriam submetidos os textos originais envolveria uma apropriação transcorrida de forma ‘aberta’ e ‘escancarada’.

Segundo Amorim (op.cit), há ainda autores que colocam que, na prática de ‘preservação’ do estrangeirismo, a violência seria exercida ‘de forma útil e indireta – pois, o que se ressalta é, na verdade, o caráter exótico da obra estrangeira’.

Impõe-se então a polêmica de que em um determinado contexto a tradução como adaptação associa-se à noção de transgressão, violação, sendo que em outro contexto, adaptar deixaria de violar certos limites ao denotar, explicitamente, a modificação do texto original com objetivos definidos.

O que se espera, então, do tradutor?

Segundo Amorim “espera-se [...] que a tradução aproxime-se o máximo possível do texto original e que as adaptações promovam desvios.” (op. cit., p.42)

Ou seja, no caso do estudo aqui implementado, se Lia Wyler, ao traduzir *The Tales of Beeble, the Bard*, se aproximar o máximo do texto original, sua tradução seria aceitável? Ou, do contrário, promover desvios seria desmerecer o original?

Buscando solucionar tal polêmica, Amorim (2005) explica que:

“[...] embora um determinado trabalho apresente-se como ‘tradução’, certamente promove a recriação de imagens, valores e tendências em relação ao texto original de forma tão decisiva, ‘transgressora’ e, ao mesmo tempo, ‘aceitável’ [...] quanto qualquer ‘adaptação’ poderia fazer.” (op. cit., p.46)

Para o autor, uma hipótese que poderia sustentar, em princípio, o reconhecimento de um certo papel autoral em determinadas adaptações estaria relacionada ao estatuto das transformações ou modificações a que os tradutores-adaptadores teriam o direito ou a permissão de empreender ao adaptarem uma obra estrangeira.

O exposto por Amorim revela uma polêmica também que se instala no tratamento que se dá à questão autoral do tradutor, à sua assinatura:

[...] A tradução, por sua vez, por ser mais frequentemente associada à condição de uma prática que se aproximaria do literal, não tornaria possível a inscrição do tradutor, de suas concepções estéticas ou de sua escrita 'pessoal', naquilo que traduz. (op. cit., p.49)

Para Amorim, tanto a tradução quanto a adaptação envolvem reprodução e transposição. A adaptação seria, algumas vezes, como a tradução, restrita à reformulação. A adaptação poderia, também, "efetuar uma atualização de textos de um passado remoto para leitores contemporâneos." (AMORIM, 2005, p.78)

Buscando definir a questão da adaptação, Amorim (op.cit.) explica que, de um lado, a adaptação seria, 'mais flexível e daria mais espaço para modificações, acréscimos e subtrações. (op. cit., p.79) E, por outro lado, a "[...] adaptação seria uma questão de reexpressão que resultaria de uma opção feita pelo tradutor perante uma 'dificuldade de reformulação de sentido', cujo único objetivo, para o teórico, é alcançar o destinatário." (op. cit., p.86)

No caso da tradução e adaptação em quase 40% dos casos dos termos relacionados à bruxaria em *Os Contos de Beedle, o Bardo*, revelaria, portanto, não transgressão, mas uma tentativa de alcançar o público leitor.

Travaglia (2003), em *Tradução Retextualização*, também comenta sobre a tradução numa perspectiva textual, mostrando que "[...] cada tradução é um evento singular, uma vez que focaliza um texto preciso, e que cada texto é único, individualizado. Sendo assim, a tradução apresenta um caráter particularizado, individual." (TRAVAGLIA, 2003, p.61)

A tradução, segundo a autora, será considerada como a retextualização de um segmento linguístico (um texto) numa língua diferente daquela em que foi originariamente concebido. (op. cit., p.63)

Para a autora, o que acontece na tradução é, desta forma, algo semelhante ao processo de produção de qualquer texto: o tradutor constrói o sentido a partir de um texto original:

[...] Mesmo que o tradutor tenha em mente extrair a intenção comunicativa do autor do original, de forma pura, não contaminada, o que consegue fazer é a construção de um sentido com os elementos de que dispõe no momento da leitura e tradução do texto. (op. cit., p.71)

A autora explica que quando um texto é traduzido não são apenas as formas linguísticas do original que mudam, mas todo o mundo textual. Ou seja, ao traduzir o tradutor deve levar em conta que nem sempre há perfeita coincidência entre as informações tidas como dadas e como novas no original e as mesmas informações que vão figurar no texto traduzido:

Um texto traduzido [...] mantém uma série de intertextualidade: com o próprio original, com os textos com que o original mantém intertextualidade, com as traduções de outros textos com os quais o original tem intertextualidade, com outras traduções do mesmo original, com textos que podem ser gerados por ele na língua de chegada, com textos que sejam do mesmo tipo. (op. cit., p. 156)

Assim, na perspectiva da recontextualização, para Travaglia (2003), os elementos linguísticos, tanto os do texto original quanto os que poderão vir a figurar na tradução, não devem ser focalizados apenas como termos componentes de uma lista e possuindo cada um seu sentido, seu valor ou sua função pré-estabelecidos. Devem sim ser vistos no texto como marcas de uma intenção de comunicar.

Os autores Amorim (2005) e Travaglia (2003) parecem concordar, portanto, que não há tradução satisfatória no nível da palavra, e sim no nível contextual.

Em sua dissertação de mestrado, Cruz (2003), citando Halliday, comenta a tradução para o português do livro *Harry Potter e a Câmara Secreta*:

[...] Halliday [...] já cogitava o estudo da tradução, focalizando-a, não especificamente como um estudo no nível da palavra, mas enfatizando as escolhas na língua alvo equivalentes às escolhas realizadas na língua fonte, considerando, sobremaneira, o significado contextual. (p.20)

Cruz (op.cit) explica que diante de questões linguísticas, se o tradutor não estiver atento ao realizar posicionamentos diferentes de tema/rema, ele corre o risco de produzir diferentes significados e não adaptar naturalmente o texto à língua de chegada, interferindo inclusive na mensagem apresentada na língua fonte.

Para a autora, as estruturas temáticas do texto fonte e do texto traduzido merecem atenção, porque mostram como os significados são reproduzidos e retextualizados na cultura de chegada, considerando as especificidades culturais.

De acordo com Anne-Lise Feral, em sua tese sobre a tradução de Harry Potter do inglês para o francês, há uma tendência na tradução de ficção para crianças em atenuar ou eliminar a agressividade, o mau humor e as más intenções dos personagens jovens originais. As descrições de ações e diálogos são muitas vezes manipuladas, isto é, adaptadas, a fim de submeter-se a comportamentos socialmente mais desejáveis na cultura alvo².

A tradução do texto de literatura infanto-juvenil parece, portanto, demandar ainda mais formas de adaptação e retextualização, emprestando os termos de Amorim (2005) e Travaglia (2003).

Bertin (2011) explica que a grande maioria dos principais textos brasileiros são traduções. A partir da década de 1970, com o advento de uma política educacional mais ampliada, muitos dos contos infantis passam a ser publicados em menor número, em um ou dois volumes, e têm como alvo o leitor infanto-juvenil principalmente. (BERTIN, 2011, p.53)

Ter como alvo o público infanto-juvenil demanda adaptações.

Segundo Santos (2011), na obra Harry Potter, “[...] Hagrid, o personagem meio gigante meio humano que introduz o protagonista ao mundo fantástico da bruxaria, traz em sua fala fortes marcas dialetais.” (SANTOS, 2011, p.72)

Segundo Santos (op.cit.) as características encontradas na fala de Hagrid se assemelham às do dialeto inglês *Somerset*, sendo que no texto-fonte a manifestação desse conjunto de características linguísticas identificadas na fala do personagem é influenciada por fatores sociais como gênero, faixa etária, classe social, religião, geração ou outra característica relevante.

Ao analisar a obra e sua tradução, Santos (op.cit.) explica que tanto no original quanto na tradução portuguesa, os fenômenos que mais se destacaram por sua representatividade foram os de natureza fonética. Já na tradução brasileira, os fenômenos que mais se destacaram foram as marcas de oralidade.

Pode-se afirmar que a tradução do texto literário sofre influências das mais diversas. Sobre isso, Bunn (2011) coloca que:

[...] há várias instâncias interferentes no processo de tradução de literatura infanto-juvenil, que não se limitam apenas ao tradutor, mas à visão que temos tanto da

² “[...] There is a tendency in translation of children’s best-selling fiction to attenuate or delete the original young characters’ aggressiveness, bad tempers and evil intentions. Descriptions of actions and dialogues are often manipulated in order to conform to more socially desirable behaviours in the target culture [...]” (FERAL, 2006, p. 9)

criança/leitor da cultura de partida, da cultura de chegada e dos interesses mercadológicos. (BUNN, 2011, p. 105)

Para o autor, a tradução de literatura infantil requer um longo processo, não de simplificação, mas de escolhas: traduzir ou adequar à cultura de chegada? A adaptação é uma opção que pode aproximar o leitor do texto, quando se quer evitar um estranhamento que, por sua vez, não é, de forma alguma, para Bunn (op.cit.) negativo em vários contextos.

Com relação às questões culturais que envolvem textos originais e traduzidos, no livro ‘Tradução técnica e condicionais culturais: primeiros passos para um estudo integrado’, João Azenha Jr. (1999) comenta :

A linguagem deve ser vista aqui como elemento integrante de uma cultura, como uma de suas formas de manifestação mais poderosas, e ‘não como um fenômeno isolado, suspenso num vácuo’. (AZENHA JR., 1999, p.28)

Para o autor, cultura é tudo aquilo que um indivíduo precisa conhecer, dominar e sentir, a fim de avaliar em que situações os indivíduos naturais de uma sociedade se encontram, sendo que o ponto de partida para a construção da dimensão cultural dos estudos de tradução é a relação embrionária entre linguagem e cultura.

A tradutora Lia Wyler, ao adaptar os termos de bruxaria em *Os Contos de Beedle, o Bardo*, não somente recria o universo da bruxaria criado por J.K., mas reconstrói as relações culturais de identificação entre leitor e obra, tarefa esta bastante complexa histórica e tradicionalmente, pois, na visão de Bassnett (2003), atribui-se à tradução literária maior subjetividade e possibilidades de recriação e reescrita do texto fonte.

Esta complexidade, aos olhos de Gonçalves (2011), consiste no duplo perigo de, por um lado, destruir a alteridade do texto de partida na língua-alvo, transformando-o em uma tradução ‘que nem parece tradução’ ou o de torná-lo estrangeirado. (p.236)

Segundo Miranda (2011), a tarefa central do tradutor do texto literário deve ser atingir, na língua de chegada, o mesmo equilíbrio logrado pelo original, isto é, um equilíbrio entre uma linguagem clara e sem melindres, que veicula conteúdos semânticos por vezes agressivos, e a leveza de uma história para crianças.

Para tanto, o leitor e o tradutor precisariam obter um conhecimento aprofundado do texto, pois o leitor ingênuo, que não identifica a citação, acompanha do mesmo modo o desenrolar da história e do enredo como se aquilo que lhe está sendo contado fosse novo e

inesperado, ao passo que o leitor culto e competente identifica a remissão, sentindo-a como citação maliciosa. (SANTOS e ACCÁCIO, 2011)

Neste sentido, o tradutor precisa conhecer as orientações do cliente-editora para lançar mão dos procedimentos com intertextos e estar ciente das normas prevalecentes no sistema literário vigente e a partir disso selecionar as estratégias para manipular o intertexto dentro do texto-alvo, através das modalidades tradutórias mais coerentes e diversas.

Isto, na perspectiva de Guerini e Jolkesky (2011), seria ser leal ao autor e ao leitor, adequando o texto ao nível de compreensão de seus leitores, isto é, ter “a sensibilidade para negociar as propriedades que são pertinentes em relação ao contexto e ao objeto que o texto coloca.” (MARQUES, 2011, p.90)

No caso da tradução de *The tales of Beedle, the Bard*, deveria Lia Wyler adaptar, adequar os termos de bruxaria quando não houvesse equivalentes próximos em língua portuguesa? Com ser leal ao autor e ao leitor ao mesmo tempo?

Nas palavras de Marques (2011) sim, “[...] o tradutor deve adaptar por não achar correspondentes na língua de chegada, ou trocar expressões e provérbios para chegar mais próximo de seu público-alvo [...]”. (op.cit., p. 90)

Fonseca também expõe que [...] ‘uma palavra só pode ser plenamente interpretada por meio de uma combinação equivalente de unidades de código’ [...]” (FONSECA, 2011, p. 139)

Seria, portanto, permitido dizer que a tradução do texto literário (e talvez não apenas deste) é caracterizada por combinações e adaptações das unidades linguísticas do texto fonte com as do texto alvo.

No caso deste estudo, a tradutora buscou aproximar leitor e obra, adaptando (38,1%) os termos, abandonando a ilusão da equivalência perfeita e buscando intersecção entre texto original e texto traduzido. Todos os termos coletados e que revelam a modalidade tradutória de adaptação foram nomes próprios criados pela tradutora. *Gryffindor*, por exemplo, foi traduzido para Grifinória, uma criação da tradutora e sua forma assemelha-se com a palavra original.

Lia Wyler, ao traduzir os termos que foram criados pela autora, buscou formas que mantivessem a singularidade e ineditismo da obra original, sem deixar ao mesmo tempo de manter o teor exótico dos nomes. *Bowtruckles* é o nome de criaturas mágicas que tem o corpo de madeira e Lia Wyler utilizou a palavra tronco para criar *Tronquilha*.

A tradutora provavelmente utilizou como base o significado dos termos originais e, algumas vezes, a forma como são escritos. Um dos termos que fez uso de ambas as situações foi o termo *Mirror of Erised*, traduzido para Espelho de Ojesed. *Erised* nada mais é do que a

palavra *desire* (que significa desejo) de trás para frente e Lia Wyler utilizou da mesma técnica na tradução, escrevendo *desejo* de trás para frente.

Adaptar, portanto, não significa transgredir, mas aproximar leitor e obra.

Sobre os resultados obtidos com relação às modalidades de transposição e tradução literal e empréstimo, constatou-se a adoção de 33,3% para a primeira e 21,4% para a segunda e 7,2% para a terceira nas traduções dos termos de bruxaria em *Os Contos de Beedle, o Bardo*.

Segundo Aubert (1998), a transposição ocorre sempre que pelo menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal deixa de ser satisfeito, a saber: 1. quando o original e a tradução têm o mesmo número de palavras; 2. quando contém a mesma ordem sintática; 3. quando se emprega as mesmas categorias gramaticais; 4. quando contém as mesmas opções lexicais.

Embora Aubert (2003) viesse mais tarde a afirmar que marcas culturais ou palavras ou expressões de cunho cultural ou específico de cada obra ou contexto apresentem mais irreduzibilidade às modalidades de tradução literal, transposição e modulação, pode-se afirmar, com base no estudo aqui realizado, que a tradutora de *The tales of Beedle, the Bard*, buscou evidenciar o modelo implementado por J.K. com relação aos termos de bruxaria, isto é, ora tornando comum a preservação (literal) de nomes próprios, ora decidindo traduzir parte dos nomes próprios (transposição). No caso de Albus Dumbledore, relata-se a adoção, de forma híbrida, de duas modalidades (literal e empréstimo). A tradutora decide traduzir *Albus* para Alvo, porém mantém *Dumbledore*.

Há situações em que foi adotada a tradução literal, principalmente quando se trata de palavras que são mais comuns no universo dos bruxos, como a palavra *wizard*, traduzida por bruxo em português.

Verifica-se, no caso da adoção da modalidade de transposição, que não há mudança significativa de sentido ou significado quando a palavra é traduzida, entretanto, há uma mudança com relação à ordem morfossintática, como no exemplo abaixo:

Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry

 Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts

Segundo De Mooij (1998), ao se adotar a modalidade da tradução literal ou transposição, são mantidos na tradução os mesmos acontecimentos fantásticos, neste caso típicos da obra *Harry Potter*.

Aubert (1994) comenta que "dificilmente será possível assegurar ao ato tradutório um quadro temporal 'ideal', isto é, que permitisse atingir um índice qualitativo próximo a 100%." (AUBERT, 1994, p.19)

O autor explica que a distinção entre referente de partida e referente de chegada nem sempre é muito evidente. Típica, mas não exclusivamente, em textos relativos a questões de tecnologia de ponta, por exemplo, a diferença mais imediata é percebida em termos de estágios discrepantes de desenvolvimento tecnológico. (op. cit. p.44-45)

Mas tal distinção temporal é, normalmente, percebida em textos do gênero literário?

No caso da obra de J.K. Rowling, teria a tradutora, Lia Wyler, recorrido a empréstimos para a tradução de termos relacionados à bruxaria, com o intuito de aproximar o original da tradução?

Este estudo comprova que 7,2% dos termos de bruxaria em *Os Contos de Beedle, o Bardo* foram emprestados de *The Tales of Beedle, the Bard*.

Aubert explica que "recorrendo-se a empréstimos, decalques e alguns instrumentos parafrásticos, a barreira acaba vencida." (op. cit. p.45). Segundo ele:

Mas o compromisso da fidelidade não se define tão somente na relação texto original/tradutor. Como instrumento humano, suporte, para um ato tradutório, ou seja, de um ato de comunicação interlingual, é de se esperar que o tradutor tenha, como de fato tem - em grau passível, é verdade, de certa variação, conforme a intencionalidade do ato tradutório - um compromisso de fidelidade com as expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais. Ou, mais apropriadamente, com a imagem que tal tradutor se faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades. (op. cit. p.75)

Em seu texto 'As variedades de empréstimos', Aubert (2003) comenta a questão de se fazer empréstimos de palavras do texto original para serem utilizadas no texto traduzido:

O empréstimo de termos e expressões entre as línguas e as culturas é um procedimento provavelmente tão antigo quanto o contato entre povos de idiomas ou falares distintos." "[...] O destino dos empréstimos, em qualquer momento dado, é sempre incerto: ou desaparecem, substituídos por soluções vernaculares; ou passam por transformações, quer de significante, quer de significado, e, deste modo, deixam de

lado seu caráter de empréstimo para tornarem-se parte integrante do universo cultural que os acolheu. (AUBERT, 2003, p.27-28)

Segundo Aubert (2003), Vinay e Darbelnet (1958) concebiam o empréstimo como sendo ‘a própria negação da tradução. Em tese, o termo, expressão ou frase do original aparece intacto, não traduzido, no texto em língua-meta (LM). Mesmo sendo um procedimento frequentemente condenável, pode, no entanto, apresentar “a vantagem de enriquecer a LM com uma utilidade lexical concreta de fácil manejo.”’ (op.cit., p.28)

O autor explica que o fato do empréstimo ser – e provavelmente dever ser – de baixa frequência não significa, porém, que se trate de um fenômeno tradutório marginal ou secundário; nem, por ser, na aparência, mera “cópia” do original, menos crucial para o processo e para o produto tradutórios.

Ao tratar do empréstimo, Aubert (2003) explica:

[...] são quatro as opções básicas de tradução: a omissão (evitando-se a dificuldade), o empréstimo (utilizando o co-texto como recurso suplementar), a explicitação explícita (recurso à paráfrase) ou implícita (diluição de alguns traços semânticos relevantes ao longo do texto), ou, ainda, a adaptação, este último procedimento redundando em um processo de aculturação. (2003, p.32)

Com relação aos termos exclusivos da cultura (e língua) fonte, o autor coloca que:

Em tese, se o termo é exclusivo da cultura fonte, a tradução literal seria impossível. No caso presente, as traduções literais apresentam-se, na realidade, como variantes do decalque (no caso, decalque semântico, não de sentido), como o termo *caldeirões* traduzido como “cauldrons” (inclusive com as aspas substituindo o itálico constante do original). (op.cit., p.36)

Ressalta-se, no caso de *Os Contos de Beedle, o Bardo*, que a tradutor não provocou uma perspectiva reducionista do ato de tradução, depreciativa ou limitadamente estrutural ao adotar os empréstimos (7,2%). Mas, ao contrário, parece ter buscado convergir língua e linguagem, buscando revelar o contexto o mais realístico possível.

Com relação aos termos em que foi utilizada a modalidade de tradução empréstimo, *Hogwarts, horcrux e inferi*, supõe-se que: por se tratar de substantivo próprio e de criação da autora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo almejou coletar e descrever os termos relacionados à bruxaria na obra *The Tales of Beedle, the Bard* de J.K. Rowling e suas respectivas traduções para o português brasileiro *Os Contos de Beedle, o Bardo*, dando foco principal às teorizações aubertianas sobre a temática modalidades de tradução. Realizou-se ainda levantamento bibliográfico por meio de livros, artigos, periódicos, pesquisas na web no que tange aos estudos sobre a série *Harry Potter*; sobre as traduções de *Harry Potter*; Tipos e modelos de análises contrastivas; Tradução de Literatura Infanto-Juvenil.

Os resultados mostram que a modalidade tradutória de adaptação foi utilizada em 38,1% dos casos, modalidade de transposição em 33,3% dos casos, a modalidade de tradução literal em 21,4 e a modalidade de empréstimo em 7,2% dos casos (Tabela 1), sendo que não foram encontradas modalidades de omissão, transcrição, decalque, explicitação/implicação, modulação, erro, correção e acréscimo.

Relata-se, portanto, que a versão brasileira de *Os Contos de Beedle, o Bardo* preocupou-se em revelar uma assimilação cultural por meio da modalidade de adaptação, estabelecendo uma proximidade semântica com o texto-fonte (AUBERT, 1998), contribuindo para um melhor acesso ao leitor infanto juvenil brasileiro. Em menor escala, as outras modalidades tradutórias igualmente contribuem para a construção de um sentido relevante para a tradução, dando suporte ao universo criado por J.K. Rowling.

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir, através da descrição e análise dos termos de bruxaria da obra *The Tales of Beedle, the Bard* traduzido para o português, para o delineamento de outras pesquisas sobre a temática e para a formação de futuros tradutores de obras literárias para o universo infanto juvenil.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992.

AMORIM, Lauro M. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e *Kim*, de Rudyard Kipling. São Paulo: UNESP, 2005.

AUBERT, Francis H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, ano 5, n. 1:99-128. São Paulo, SP, 1998.

_____. Traduzindo as diferenças extralinguísticas – procedimentos condicionantes. *Tradterm*, v.9, p. 151-172, 2003.

_____. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. As variedades de empréstimos. São Paulo: DELTA, 2003, v.19, p.27-42.

AZENHA JR., João. *Tradução técnica e condicionais culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas, 1999.

BARBOSA, Heloísa F. *Procedimentos Técnicos da Tradução*. Campinas: Pontes, 1992.

BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p.81.

BECKETT, Sandra L. *Crossover Fiction: Global and Historical Perspectives*. New York: Routledge, 2009.

BRASIL, Ubiratan. O saldo da ótima versão brasileira. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-saldo-da-otima-versao-brasileira,742907,0.htm>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2013.

CADERNOS DE LITERATURA EM TRADUÇÃO. São Paulo: FFLCH/USP, 2011, v.12.

CAMARGO, Diva C. O estilo do tradutor literário Giovanni Pontiero em relação ao uso de padrões linguísticos. In: *Revista SIGNÓTICA*. Goiás: UFG, 2004, v.16, n.2, p.172-190.

CATFORD, John C. *A linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press, 1965.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva. *Harry Potter and the Chamber of Secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na linguística sistêmica e nos estudos de corpora*. Dissertação de Mestrado: UFMG, 2003.

DE MOIJ, Marieke. Translating Advertising: painting the tip of an iceberg. *The Translator*. Volume 10, n° 2, 2004, pp. 179-198

ESQUEDA, Marileide D. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. Tese de Doutorado: Unicamp, 2005.

FERAL, Anne-Lise. The Translator's 'Magic' Wand: Harry Potter's Journey from English into French. *META: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 51, n° 3, 2006, p. 459-481.

FERRONATO, Natália Z. e SCHULTZ, Erica F. A tradução americana de *Noite de Érico Veríssimo*: alguns instantes de *escândalos* segundo Venuti. *Tradução & Comunicação*. São Paulo, n. 14, p. 37-56, 2005.

FREGONEZI, D. E. *A tradução: uma abordagem linguística*. Tese de doutorado. Araraquara, UNESP, 1984.

GALWAY, Elizabeth. *From Nursery Rhymes to Nationhood: Children's Literature and the Construction of Identity*. New York: Routledge, 2008.

GAZOLA, André Augusto. Resenha do livro *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Disponível em: <<http://www.lendo.org/resenha-contos-beedle-bardo/>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2013.

HELGEGREN, Sofia. *Tracing Translation Universals and Translator Development by Word Aligning a Harry Potter Corpus*, Linköping (BA thesis[D-uppsats], Linköpings universitet, Institutionen för datavetenskap/Kognitionsvetenskapliga programmet, Sweden), 2005.

HUDSON, Aïda. A Journey into the Anglo-Canadian Past, the Multi-Cultural Canadian Present, and the Global World of Contemporary Crossover Fiction: Three Studies of Children's Literature. *International Journal of Canadian Studies / Revue internationale d'études canadiennes*, n° 42, 2010, p. 325-333.

LEAL, Alice B. *Funcionalismo e tradução literária – a intenção do autor no processo de tradução literária*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_501.pdf/>. Acesso em 12 de agosto de 2012.

O'SULLIVAN, Emer. Narratology meets Translation Studies, or, The Voice of the Translator in Children's Literature. *META: Journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 1-2, 2003, p. 197-207.

PAZ, Octavio. *Traducción: Literatura y Literalidad*. Barcelona: Tusquets. 2ªed. 1981.

PEIXE, Letícia de S. *Harry Potter e a Pedra Narrativa*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

QUEIRÓS, M. G. *A significação da tradução*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1978.

REIMER, Mavis, ed. *Home Words: Discourses of Canadian Literature*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2008.

ROSENTHAL, Edwin T. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo, Cultrix: Edusp, 1976.

ROWLING, Joanne K. *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Tradução de Lia Wyler: Rocco: 2008.

_____. *The Tales of Beedle, the Bard*. Great Britain: Children's High Level Group: 2008.

_____. J.K. Rowling Official Website. Disponível em: <<http://www.jkrowling.com/>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2013.

TAVARES, Flávia. Desconstruindo Harry. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,desconstruindo-harry,20125,0.htm>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2013.

TOUGAS, David. *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* de Chris Columbus. *Ciné-Bulles*, vol. 20, n° 2, 2002, p. 62-63.

TRAVAGLIA, Neuza G. *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

VEGA, Miguel Á. *Textos Clássicos de Teoría de la Traducción*. Madrid: Cátedra, 1994.

VILLALBA, Patricia. Por caridade, JK Rowling volta ao universo de Harry Potter. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,por-caridade-jk-rowling-volta-ao-universo-de-harry-potter,289317,0.htm>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2013.

VINAY, Jean P. & DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et l'anglais*. Paris, Didier, 1958.

WYLER, Lia. Harry Potter for Children, Teenagers and Adults. *META: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 1-2, 2003, p. 5-14.

_____. Lia Wyler. Disponível em: <<http://www.liawyler.com/>> Acesso em: 27 de setembro de 2011.

ZAVAGLIA, Adriana. Modalidades de tradução e operações enunciativas: o caso do marcador léxico-gramatical um e suas traduções para o francês. In: *Revistas Eletrônicas da PUC-SP*. São Paulo: PUC, 2005, v.x, p.x-x.

APÊNDICE A

Outras propostas acerca das modalidades que podem ser utilizadas em análises tradutórias.

Barbosa (1990)	Camargo (2004), com base em Baker (1996)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Tradução palavra-por-palavra: tradução em que determinado segmento textual é expresso na LT mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja aproximadamente idêntico ao dos vocábulos correspondentes no TLO; 2. Tradução literal: tradução que mantém uma fidelidade semântica escrita, adequando porém a morfossintaxe às normas gramaticais da LT; 3. Transposição: consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir; 4. Modulação: consiste em reproduzir a mensagem da TLO no TLT, mas sob um ponto de vista diverso, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real; 5. Equivalência: consiste em substituir um segmento de texto da LO por um outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente; 6. Omissão: consiste em omitir elementos do TLO que, do ponto de vista da LT, são desnecessários ou excessivamente repetitivos; 7. Explicitação: na tradução do inglês para o português seria usado, para o mesmo caso, o procedimento inverso, a explicitação do pronome, pois sua presença é obrigatória em inglês; 8. Compensação: consiste em deslocar um recurso estilístico, ou seja, quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TLT, um recurso estilístico usado no TLO, o tradutor pode usar um outro, de efeito equivalente, em outro ponto do texto; 9. Reconstrução de períodos: consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a LT; 10. Melhorias: consistem em não se repetirem na tradução os erros de fato ou outros tipos de erro cometidos na TLO 11. Transferência: consiste em introduzir material textual da LO no TLT; 12. Estrangeirismo: consiste em transferir (transcrever ou copiar) para o TLT vocábulos ou expressões da LO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TLO que seja 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Simplificação: tendência em tornar mais simples e de mais fácil compreensão a linguagem empregada na tradução; 2. Explicitação: tendência geral em explicar e expandir dados do TO; 3. Normalização ou conservacionismo: tendência para exagerar características da LM e para adequar-se aos seus padrões típicos; e 4. Estabilização: tendência para a tradução localizar-se, independentemente das LF e LM, no centro de um contínuo, evitando-se os extremos.

<p>desconhecido para os falantes da TL;</p> <p>13. Transliteração: consiste em substituir uma convenção gráfica por outra;</p> <p>14. Aclimação: é o processo através do qual os empréstimos são adaptados à língua que os toma;</p> <p>15. Transferência: ocorre quando há transferência de uma informação do original na tradução, de forma que o leitor possa apreender seu significado através do contexto;</p> <p>16. Explicação: havendo a necessidade de eliminar do TLT os estrangeirismos para facilitar a compreensão, pode-se substituir o estrangeirismo pela explicação;</p> <p>17. Decalque: consiste em traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais da LO no TLT; e</p> <p>18. Adaptação: é o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere a TLO não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT.</p>	
--	--